

Obrigada, Sara, por tanta coisa bonita

Ninguém registou que as vitórias musicais retumbantes da Sara, eram também vitórias no reconhecimento da nossa humanidade.



Cristina Roldão

20 de Novembro de 2023, 20:00

Oferecer artigo 6

Quando a *Sara Tavares* cantou e venceu o *Chuva de Estrelas* e o Festival da Canção, todas as miúdas negras da periferia de Lisboa e desse Portugal fora ganharam com ela. Corriam os anos de 1993 e 1994, fazíamos parte da primeira geração negra do pós-25 de Abril. Isso significava, ao mesmo tempo, uma pesadíssima herança colonial e uma pequena fissura por onde alguma mudança poderia entrar. Então, naquelas noites em que a Sara invadiu a partir da TV as salas de jantar, cafés e restaurantes deste país; naqueles momentos em que a voz cristalina de um ser genial chamado Sara “abafou” todo e qualquer adversário; então, naqueles breves minutos, deixámos de ser mandadas para a “nossa terra”, porque subitamente éramos daqui; deixámos de ser as “pretas da Guiné que lavavam a cara com chulé”, as “barrote queimado”, as “macacas” que cheiravam a “catinga”. Nunca saberemos o número de meninas negras que imitavam a Whitney Houston na cozinha, no quarto e sentadas nos muros da sua rua perante uma audiência imaginada e que, com a vitória da Sara, viram o horizonte ficar mais largo. Ninguém registou que as vitórias musicais retumbantes da Sara eram também vitórias no reconhecimento da nossa humanidade. Naquelas noites, o velho Portugal tinha-se vergado e rendido, mesmo que por poucos minutos.

Existem vários paralelismos entre o caminho da Sara e o percurso das mulheres negras da minha geração. Se hoje esse trilho parece evidente, no início dos anos 1990, não o era, estava a ser feito e era resultado de uma luta aqui e nas múltiplas geografias da diáspora negra. Do cantar em português a Sara foi passando mais e mais a cantar em cabo-verdiano, assumindo mais e mais as suas raízes africanas; do campo musical português foi integrando progressivamente o circuito da música africana e da world music; o cabelo desfrisado deu lugar aos *dread locks* e a um afro desalinhado e frondoso. Ela, como nós, passou da estratégia a que os nossos pais haviam sido obrigados, a do silêncio sobre o racismo, da preferência por “provar” com o “mérito” o nosso valor, um certo desejo de integração, para uma estratégia de exigência incondicional de sermos reconhecidos

como portugueses sem nos “branquearmos”. Ela, como muitas da minha geração, terá tido a sensação estranha de “chegar atrasado à própria pele”, como diz a Djaimilia Pereira de Almeida, mas a verdade é que chegámos.

O jeito suave, doce, mas reservado da Sara poderá ter confundido os mais distraídos. Ela posicionou-se, e fê-lo cada vez mais, sobre o racismo em Portugal. Lembro-me, por exemplo, da atitude que ela tomou depois do programa *Cá por Casa* (2018). O Herman José dizia-lhe, com o à-vontade de quem esperava que a Sara fosse corroborar, que “realmente Portugal não é um país racista, é um país verdadeiramente intercultural”. De seguida pergunta à escritora Margarida Rebelo Pinto se esta já havia tido “algum amor colorido”, ao que esta respondeu que não era “dada às etnias”. Logo após estes acontecimentos, a Sara posicionou-se indignada nas suas redes sociais.

Para além de enfrentar nos últimos anos uma doença grave que levaria à sua *morte* na noite de ontem; para além de enfrentar na arena pública os desafios de ser uma das primeiras e mais brilhantes estrelas negras do Portugal pós-colonial, ela foi a única mulher negra, figura pública, do meu país e geração, de origens bem humildes, a assumir-se enquanto bissexual. As canções *Muna Xeia* e *Coisas bonitas*, para mim, são sobre o amor romântico entre mulheres negras neste espaço que, à falta de melhor termo, chamarei “de lusofonia”. Mais uma vez, a Sara a abrir caminhos para nós, para pessoas como eu.

Eu nunca lhe agradeci direta e explicitamente por tudo isto, porque acho que era um implícito óbvio e porque não queria, e sempre me pareceu que ela também não, tratá-la como se ela fosse um símbolo. Eu talvez tenha confiado demasiadamente de que haveria tempo, que a oportunidade para lhe dizer tudo isto haveria de aparecer naturalmente. Vem tarde, mas vem: obrigada, Sara, por tanta coisa bonita!